

RELATO SOBRE AS AULAS MINISTRADAS NO PLANETÁRIO DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ PARA A DISCIPLINA DE FILOSOFIA

João Carlos de Oliveira ¹

Entre os dias 27 de fevereiro e 03 de março de 2023, foram ministradas no Planetário do Colégio Estadual do Paraná, aulas para a disciplina de Filosofia abrangendo os conteúdos de mitologia, constelações indígenas e moderna.

Iniciamos a apresentação mostrando a necessidade que os povos primitivos tinham em conhecer o céu, uma vez que, nos primórdios de nossa existência, os grupamentos humanos eram nômades portanto, deveria ser comum encontrarem-se em ambientes completamente desconhecido, onde tudo poderia ser novo: flora; fauna; clima; paisagens etc.

Nos movimentos dos astros eles encontravam uma certa regularidade e a partir dela, se localizavam no tempo e no espaço.

Os povos antigos utilizavam o céu para se localizar espacialmente, ao se deslocar para uma região que nunca tinham estado anteriormente, perdiam todo e qualquer referencial na Terra. Por outro lado, a posição em que os astros surgiam no amanhecer ou sumiam no entardecer, parecia constante.

Observando a posição do Sol, um pouco antes do amanhecer ou do anoitecer, tanto em relação às constelações que o Sol se encontrava, quanto à posição referenciada na Terra, eles perceberam que a cada 365 dias aproximadamente, o Sol reiniciava um ciclo. Com isso os povos antigos conseguiram determinar o período chamado de ano. Observando as diferentes formas com que a Lua se apresentava (fases da Lua) e o período que ela levava para um ciclo completo, surgiu a definição de mês. Talvez o número de astros errantes visíveis – sete astros que caminham por entre as estrelas “fixas”: Sol; Lua; Mercúrio; Vênus; Marte; Júpiter e Saturno – definiu-se os dias da semana, a sucessão de períodos claros e escuros, levou ao surgimento da unidade de

¹Professor do Colégio Estadual do Paraná.

tempo chamada de “dia”. Além disso, as diferentes configurações das estrelas no céu, que se repetia de tempos em tempos, associado com as características climática aqui na Terra, fez com que o ser humano dividisse o ano em estações. Muito provavelmente os primeiros grupamentos humanos dependiam desse conhecimento para saber com certa antecedência os tipos de alimentos com que poderiam contar e as possíveis intempéries climáticas que enfrentariam.

Esse conhecimento passou a ser vital para esses povos e a transmissão desse conhecimento para as gerações futuras era essencial para a comunidade. Para tanto, se fez uso de agrupamentos de estrelas que para se tornar mais concreto, imaginou-se figuras que tinham algum significado. Também foram criadas histórias envolvendo essas figuras. Essas histórias eram contadas e recontadas para os integrantes da comunidade ao longo de gerações até o ponto de se tornarem incorporadas ao imaginário das pessoas e, conseqüentemente, à cultura desses povos e com isso era garantido que esse conhecimento fosse passado para as gerações seguintes. Damos o nome de Uranografia à Ciência que busca descrever o céu, o mapeamento das estrelas, galáxias e outros objetos astronômicos, utilizando-se de técnicas, instrumentos e referenciais naturais ou construídos artificialmente. Entre as técnicas utilizadas, encontram-se o conjunto de constelações e histórias associadas a elas criadas nas diferentes épocas por diferentes grupamentos humanos.

Cada civilização e em cada época tinham sua própria Uranografia. Ao longo do tempo, diferentes culturas compartilharam suas histórias e constelações, garantindo assim que alguns dos elementos das Uranografias mais antigas sobreviessem até hoje. Muitos dos elementos da Uranografia moderna ocidental foi herdada dos gregos, mas esses criaram sua Uranografia a partir da influência de outros povos como os mesopotâmios e os egípcios e esses, talvez, de povos ainda mais antigos.

Um bom exemplo é a constelação do Leão (Leo), herdada por nós dos gregos e esses, muito provavelmente, herdaram dos egípcios que por sua vez herdaram da sabedoria popular que associava o aparecimento desta constelação no céu como um alerta para as épocas de seca e conseqüentemente, diminuição do volume de água no Nilo que fazia com que

diversos animais, inclusive os leões, se dirigissem às margens desse rio em busca de água.

Outro conjunto bastante interessante associado à mitologia grega são as constelações de Órion (Ori) e Touro (Tau), que conta a história de perseguição do gigante caçador Órion às Plêiades – aglomerado aberto de estrelas conhecido pelos gregos antigos como “sete irmãs”. Conta a histórias que Órion ao ser levado para o Olimpo por Artêmis, teria se apaixonado pelas jovens Plêiades, servas de Artêmis e com isso, despertado os ciúmes na deusa da caça que transformou as jovens servas num touro e fez esse, atacar Órion. A constelação de Órion também está associada à constelação do Escorpião (Sco), uma vez que ambas estão em lados opostos no céu e, portanto, quando uma se põe a Oeste a outra nasce a Leste. No hemisfério Norte, Órion domina as noites frias de inverno, enquanto Escorpião as noites de verão.

Mais ao norte, temos as constelações de Andrômeda (And), Perseu (Per), Cepheu (Cep), Cassiopeia (Cas), Pégasus (Peg) e Cetus (Cet) associadas à história em que Andrômeda é salva por Perseu de ser devorada por Cetus, um monstro marinho. O sacrifício de Andrômeda teria sido uma exigência que as deusas Atena e Afrodite fizeram à Cassiopéia e Cepheu, pais de Andrômeda, pelo fato de Cassiopeia ter dito que ela e a filha eram mais belas que as deusas.

Outros personagens como Hércules (Her), Centaurus (Cen), Ursa Maior (UMa), Ursa Menor (UMe), Lira (Lir), Cisne (Cis), Águia (Aql), as constelações zodiacais etc. têm suas histórias associadas à cultura grega.

Todas essas constelações tiveram suas origens ligadas inicialmente às necessidades humanas de orientação espaço temporal e posteriormente foram vinculadas a religiões e/ou pseudociências como a Astrologia.

Os povos das Américas não foram diferentes de outros povos e criaram sua própria Uranografia.

Nas sessões destinadas às aulas de Filosofia, foram mostradas 4 constelações criadas pelos povos Tupi-Guaranis: a constelação da Ema (Guirá Nhandu, em guarani); do Veado (Suaçu); da Anta (Tapi'i) e do Homem Velho (Tuivaé).

A Uranografia Tupi-Guarani difere das de outras culturas basicamente por duas características:

- 1- Os Tupis-Guaranis tinham suas principais constelações associadas à região do disco central da Via-Láctea, região brilhante e nebulosa que cruza a abóboda celeste, muito fácil de visualizar nos céus completamente isentos de poluição luminosa para os povos da antiguidade. Enquanto a maioria dos outros povos usavam como principal referência o plano da eclíptica que é o caminho aparente do Sol e os planetas no céu;
- 2- As constelações tupis-guaranis foram criadas usando-se não só estrelas, mas também os contrafortes das regiões claras e escuras da Via-Láctea, enquanto outros povos usavam apenas estrelas.

Entendemos que a história humana se dá por meio de um processo baseado nas nossas necessidades. É a partir desse processo que temos hoje os diferentes matizes culturais, filosóficos, políticos e científicos que guardam elementos muito mais antigos, mesmo que já tenham sido superados pelo conhecimento moderno.

A Astronomia atual é um exemplo desse fato pois divide o céu em 88 regiões muito bem definidas, no entanto, cada uma dessas regiões está associada à figura de uma constelação historicamente construída pelos povos antigos.

Mesmo não necessitando mais imaginar figuras, reais ou não, para compilar a Uranografia moderna e, por consequência, não ser necessário criar histórias envolvendo esses personagens, a vinculação da Ciência Moderna e mais especificamente, da Astronomia Moderna com as mitologias e culturas antigas, nos faz perceber que a história do pensamento humano é uma construção realizada por inúmeras gerações de seres humanos e este fato, nos remete e nos vincula aos primórdios da nossa existência.